

VIVIANE CAMPOS DE OLIVEIRA

**A ARTE DE LER E CONTAR HISTÓRIAS
PARA CRIANÇAS DE UM A TRÊS ANOS**

**FACCAMP
2009**

VIVIANE CAMPOS DE OLIVEIRA

**A ARTE DE LER E CONTAR HISTÓRIAS
PARA CRIANÇAS DE UM A TRÊS ANOS**

Monografia apresentada como exigência para a aprovação no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Pedagogia da FACCAMP, sob orientação da Prof.^a Vivian Sotelo de Siqueira Mesquita

**FACCAMP
2009**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nota do professor orientador: _____
Prof.^a Vivian Sotelo de Siqueira Mesquita

Nota do professor avaliador: _____
Prof. Murilo Leal Pereira Neto

Nota final: _____

Data: ____/____/2009

“A interterminalização de saberes e competências profissionais supõe conhecimentos científicos e uma valorização de elementos criativos voltados para a arte do ensino, dentro de uma perspectiva crítico-reflexiva. A docência não estará reduzida a uma atividade meramente técnica, mas também intelectual baseada na compreensão da prática e na transformação dessa prática”

José Carlos Libaneo.

Dedico este trabalho aos meus dois sobrinhos, Carlos Eduardo e William Matheus, que são dádivas com as quais Deus me presenteou.

Eles, que com alegria transbordante e pureza de criança nos fizeram sorrir nos momentos mais difíceis no decorrer desses três anos, a ponto de querer cada dia mais me envolver na magia que consiste em educar a fim de aprender com as crianças a viver dia após dia intensamente.

Agradeço primeiramente a Deus que me concedeu a oportunidade de viver, forças para realizar meus sonhos, e me deu uma família maravilhosa que tanto me apoia.

A Professora orientadora Vivian Sotelo de Siqueira Mesquita que com capacitação e profissionalismo me auxiliou para a conclusão deste trabalho, assim como a professora Andréia Dalcin que norteou a iniciação de minha pesquisa e com atenção e garra buscou fazer o melhor para que este trabalho fosse desenvolvido.

Aos demais professores, que no decorrer destes anos contribuíram de forma competente e responsável para a minha formação.

À minha mãe, por toda atenção, todo carinho e cuidados. Agradeço pelas roupas lavadas, pelo jantar fresquinho, pelas mensalidades pagas em dia e pelo orgulho de me ver estudar, o que tanto me incentivou.

Ao meu esposo, pelas horas ausentes, pelas noites mal dormidas, pelos finais de semana em casa e por muitas vezes agüentar minhas ansiedades.

Ao meu irmão e cunhada, pelas correrias, incentivos e por estarem sempre dispostos em momentos de precisão.

A minha irmã e cunhado, pelas preocupações, palavras de conforto e pelas orações.

A minha “mãe preta”, pelo ombro amigo, pelos cuidados e orações.

A amiga Viviane Franco que desde o início do curso me auxiliou compartilhando suas experiências como docente e fornecendo materiais.

E a todas as colegas de classe, pelo companheirismo e troca de conhecimentos, em especial às minhas amigas Leila, Elisangela, Jéssica, Bruna e Aparecida.

“Deus me colocou neste lugar como herdeiro de um grande passado, portador de um grande presente e construtor de um grande futuro”.

J. Kentenich

Resumo

Este trabalho tem como objetivo identificar e apresentar a importância da prática de ler e contar histórias para o desenvolvimento e aprendizagem de crianças de um a três anos mediante suas especificidades. As metodologias utilizadas para o levantamento de dados consistiram em pesquisa bibliográfica para embasamento teórico e pesquisa de campo por meio de observação e aplicação de um projeto em uma instituição de ensino particular do município de Campo Limpo Paulista, aplicação de questionário e entrevista. A partir dos dados levantados pudemos concluir que a importância da prática de ler e contar histórias consiste em um momento propiciador de prazer e de interação, requisitos esses que são meios condutores para o desenvolvimento das crianças na faixa etária em estudo.

Palavras-chave: ler, contar histórias, criança de um a três anos, desenvolvimento infantil, comportamento leitor.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	11
A CRIANÇA DE UM A TRÊS ANOS SOB DIVERSOS OLHARES	11
1.1 JEAN PIAGET	11
1.2 HENRI WALLON	14
1.3 EULALIA BASSEADAS	16
CAPÍTULO II	20
A ARTE DE LER E CONTAR HISTÓRIA	20
2.1 A HISTÓRIA COMO ARTE E SUAS PECULIARIDADES QUANTO AO PÚBLICO DE UM A TRÊS ANOS	20
2.2 A DIFERENÇA ENTRE LER E CONTAR. É POSSIVEL LER HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS DE UM A TRÊS ANOS?	25
CAPÍTULO III	30
METODOLOGIA.....	30
3.1 APRESENTAÇÃO DO PROJETO E DAS TÉCNICAS UTILIZADAS	30
3.2 O TRABALHO COM A LEITURA E O CONTO DE HISTÓRIAS NA ESCOLA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	31
3.3 A CONCEPÇÃO DOS EDUCADORES	35
3.4 A HISTÓRIA SOB OUTRA VISÃO PROFISSIONAL.....	35
3.5 MAIS UMA VEZ O “ERA UMA VEZ” (PROJETO HORA DA HISTÓRIA) ..	36
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

Introdução

O Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (1998, p.135) pontua que “as crianças, desde muito pequenas, podem construir uma relação prazerosa com a leitura”. Esse contato pode acontecer por meio de situações proporcionadas pelos educadores reconhecendo que os momentos de ler e contar histórias, por meio da interação, são oportunidades significativas para um desenvolvimento amplo da infância, até mesmo de crianças com menos de três anos de idade, podendo contribuir para o desenvolvimento do gosto pela leitura, desenvolvimento da linguagem oral, aumento do vocabulário e para a construção dos elos entre real e imaginário, capacidades que estão em evidência nessa faixa etária.

Estagiando na área da Educação com crianças de zero a três anos despertou-me a curiosidade de conhecer e me apropriar dos requisitos necessários para transformar a leitura e o conto de histórias em estratégia pedagógica a fim de apresentar e explorar as contribuições desta prática para tal demanda. No entanto, durante o processo de desenvolvimento desta pesquisa observou-se, mediante as considerações destacadas pelos autores, que a história sendo reconhecida como arte não necessita ser estratégia pedagógica para trazer suas contribuições.

Mediante tais considerações, este trabalho tem como objetivo identificar e apresentar a importância da prática de ler e contar histórias para o desenvolvimento e aprendizagem de crianças de um a três anos mediante suas especificidades.

Esta pesquisa é de cunho descritiva, e o levantamento de dados consistiu-se em pesquisas bibliográficas para embasamento teórico, e pesquisa de campo por meio de observação sistemática do trabalho docente, observação sistemática das crianças que abrangem essa faixa etária, aplicação de questionário, aplicação de projeto “Hora da História” e entrevista com especialista.

Tais resultados serão apresentados mediante três capítulos, o primeiro retrata quem é essa criança de um a três anos e suas especificidades, mediante o olhar de Piaget, Wallon e Basseadas; o segundo capítulo apresenta a história como arte e suas peculiaridades quanto ao público de um a três anos, a diferença entre ler e contar histórias e quais as contribuições para a demanda em estudo e o terceiro

capitulo mostra como foi desenvolvido este trabalho, sua metodologia e a análise dos dados coletados com a pesquisa de campo.

Capítulo I

A criança de 1 a 3 anos sob diversos olhares

Vários estudiosos da psicologia e da educação estudaram o desenvolvimento das crianças. Cada um deles dando ênfase a uma perspectiva, trouxeram teorias sobre crianças e como elas se desenvolvem. Neste capítulo estaremos discorrendo sobre o olhar de alguns desses autores para melhor conhecermos as especificidades das crianças da faixa etária em estudo, ou seja, de um a três anos.

1.1 Jean Piaget

Segundo a concepção piagetiana, o desenvolvimento ocorre a partir percepção que o individuo tem do mundo que o cerca e é por meio dessa percepção que ele passará por um processo de adaptação e equilíbrio mediante as novas situações das quais ele venha ser submetido. (BOCK, 2002)

Assim, a criança irá passo a passo caminhando no sentido da adaptação mental e do equilíbrio de suas estruturas cognitivas. Estas não lhes serão dadas diretamente pelo desenvolvimento biológico, mas resultarão da integração de um substrato maturacional orgânico e da busca de maneiras melhores de responder às solicitações do ambiente físico e social. (RAPPAPORT, 1981 p.41)

Segundo Bock (2002), Piaget divide o desenvolvimento humano de acordo com o surgimento de qualidades novas do pensamento, que resultam em intervenções no desenvolvimento global. Sendo eles:

1º período: Sensório-motor (0 a 2 anos)

2º período: Pré-operatório (2 a 7 anos)

3º período: Operações concretas (7 a 11 ou 12 anos)

4º período: Operações formais (11 ou 12 em diante)

Para Piaget cada um desses períodos é caracterizado por aquilo que de melhor o indivíduo consegue fazer nessas faixas etárias. Vale ressaltar que todas as pessoas passam por esses períodos nesta ordem, mas o início e o término de cada uma delas dependem das características biológicas, fatores sociais, culturais e educacionais de cada um (Bock, 2002).

Pelo fato de a faixa etária de um a três anos abranger os dois primeiros períodos, somente serão descritos os estágios que se constituirão em objeto de estudo desta pesquisa.

- Período sensório-motor: recém-nascido e o lactante - 0 a 2 anos.

Nessa fase a criança conquista, por meio da percepção da realidade e da ação motora sobre ela, todo o universo que a cerca. Bock (2002) retrata que Piaget denomina essa inteligência de sensório-motora, definida por Assis (1993, p.12) como “favorável à resolução de problemas através da ação”. Assim como Assis, Cool (2004, p.29) traz algumas contribuições sobre este estágio do desenvolvimento intelectual segundo Piaget, e, coloca que “a inteligência, neste estágio, é prática e se relaciona com a resolução de problemas através de ação.”

Basseadas (1999, p. 37) destaca que “(...) a criança pequena vai coordenando, repetindo, diversificando os esquemas de ação (conjunto de ações) sobre os objetos com o objetivo de conhecer a realidade.”

Gesell (1999) contribui dizendo que a criança de um ano é capaz de engatinhar, e vai aprimorando essa capacidade no decorrer dos meses a ponto de caminhar sozinha. Por causa dessa possibilidade quer estar todo o tempo andando; gosta de jogar os brinquedos e de manusear objetos pequenos, mas em grande quantidade; seu vocabulário ainda não é suficiente para exprimir suas exigências, porém repete habilidades que chamam a atenção dos outros e pode ser um imitador prodigioso.

Segundo Piaget e Inhelder (1995), a imitação que ocorre dentro do período sensório-motor acontece a partir de um modelo, podendo acontecer posteriormente, sem o modelo, mas não implica em nenhuma representação em pensamento. Porém, é essa imitação que prepara o desenvolvimento da capacidade de

representação na criança, capacidade essa que surge entre um ano e meio e dois anos. Piaget e Inhelder (1995, p. 49) afirmam que “a imitação, em primeiro lugar, é uma prefiguração da representação, isto é, constitui, no decurso do período sensório-motor, uma espécie de representação em atos materiais e ainda não em pensamento.”

Entre um ano e meio e dois anos a criança inicia a uma etapa de transição em que ela passa a interiorizar suas ações e aparecem os primeiros símbolos, não imita apenas o que vê, assim como é capaz de fazer uso de um objeto para simular outro. (PALACIUS, 2004)

Através dessas capacidades podemos afirmar que o período pré-operatório está em evidência, pois é nele que a criança atualiza as capacidades já desenvolvidas na busca de encontrar recursos próprios mediante novas situações, apresentando harmonia em sua atuação no mundo externo (RAPPAPORT, 1981)

- Período Pré-operatório: a 1ª infância - 2 a 7 anos

Por volta de dois anos a criança evolui de um comportamento passivo em relação ao ambiente e as pessoas com as quais convivem para uma atitude ativa e participativa, seja por imitação de regras ou de palavras. Nessa fase a interação e a comunicação entre os sujeitos são as conseqüências mais evidentes da linguagem e por meio dela o desenvolvimento do pensamento se acelera transformando o real em função dos desejos e fantasias, denominado por Piaget como “jogo-simbólico” (BOCK, 2002). Coll (2004, p.142) a caracteriza como “encarregada de possibilitar a formação de símbolos mentais que representam objetos, pessoas ou acontecimentos ausentes”. Que segundo Lima (2008) no período anterior consistia em uma série de exercícios motores simples, denominados por Piaget “jogos de exercício” e que agora, aproximadamente aos dois anos propicia a criança vivenciar fantasias, revelando conflitos, transformando o real em função de seus desejos tendo como objetivo assimilar a realidade.

O pensamento da criança está voltado para o próprio “eu” que segundo Rappaport (1981) e La Taille (1992) são denominados como pensamento

egocêntrico, fase em que a criança apresenta dificuldades de se colocar no ponto de vista do outro e não instituir trocas intelectuais equilibradas.

1.2 Henri Wallon

Para Costa (2005), uma das precursoras de Wallon, o desenvolvimento da criança acontece de forma descontínua e a transição de um estágio para o outro se dá a partir do rompimento do estágio presente.

Por volta de um ano de idade a criança passa do estágio “impulsivo emocional” que a caracteriza atividade automática e afetiva, para o estágio “sensório motor e projetivo”, marcado pela exploração do meio, porém objetiva. Este estágio se estende até aos três anos.

Através do estágio impulsivo emocional, onde o movimento é o meio pelo qual se expressa as emoções, a criança desenvolve capacidade de estabelecer relações entre suas manifestações e os eventos trazidos pelo contato com o meio. Em decorrência disso suas atitudes passam a ser intencionais, onde o meio externo é explorado mediante o seu interesse. Mediante a manipulação de objetos e o movimento do próprio corpo a criança conquista a capacidade de repetir uma mesma ação em busca de um mesmo efeito, proporcionando-lhe o contato com diferentes resultados, causados pela ação descoberta.

A repetição dos seus atos, sentidos, movimento e de sua própria linguagem, resultam em ações cada vez mais direcionadas. A capacidade de andar e o avanço da linguagem dão-lhe maior oportunidade de exploração e reconhecimento do meio e dela mesma. Ao andar, ela pode modificar o espaço, variar direções etc., por meio da linguagem ela poderá nomear e identificar os objetos dando a criança a possibilidade de distingui-los, agrupá-los.

De acordo com Dantas (1992, p.42) as relações feitas entre as ações e o meio são denominadas por Wallon, assim como por Piaget (cf. BOCK, 2002, p.101) como “inteligência prática”, ou seja, momento em que a inteligência poderá dedicar-se à construção da realidade. Mediante tal evolução, seu comportamento passa a ser diferente em relação ao espaço, objeto e, com o seu próprio corpo, sendo capaz de projetar, pela ação motora, o seu pensamento.

Sendo assim, as possibilidades de andar e falar contribui para a inserção da criança no mundo simbólico onde está em evidência o funcionamento da mente da criança denominado por Wallon como etapa projetiva, onde a criança faz uso dos gestos (desenvolvidos no período sensório-motor) para representar seus pensamentos.

Para Costa (2005), a atividade projetiva é influenciada por dois movimentos projetivos, denominados por ele como “imitação” e o “simulacro”. O primeiro consiste no ato simbólico do movimento e representação, influenciando e orientando a atividade infantil, sendo ainda mais eficaz quando aplicadas por pessoas ou por situações que agradam a criança, porém com a inserção de características peculiares próprias. Já no segundo movimento, o simulacro, o que está em evidência é a característica “ideo-motor”, que consiste em a criança já conseguir expressar pensamentos através de gestos, sem a presença real do objeto, fazendo uso de sua capacidade de invenção e criação, dando início ao exercício de representação.

O que marca efetivamente a capacidade de representação é a linguagem, o autor afirma isso dizendo que “a linguagem é o instrumento que vai elaborar a expressividade da criança no mundo das imagens e dos símbolos” (COSTA, 2005, p.35)

Através da possibilidade de representação a criança constrói signos, passando a ser capaz de identificar a diferença entre objeto e pessoa. Mediante exploração, a criança descobre as capacidades do próprio corpo que agora possibilitará a apropriação de si mesma. Para que essa apropriação seja concretizada é necessário que a criança faça relação entre a sua pessoa e a sua imagem. Por volta de um ano ela explora sua imagem refletida no espelho, porém seu interesse não está voltado para a imagem e sim para o objeto. Este período segundo Costa (2005) é denominado por Wallon como “instrumental.”

A capacidade de atribuir a si própria a imagem refletida só entra em evidência no decorrer dos dois anos, que além de diferenciar a imagem de seu corpo torna-se capaz de representá-lo. Conhecimentos como esses são

fundamentais para o desenvolvimento da personalidade, estágio que Wallon nomeou como “Estágio do Personalismo”.

A criança está em meio a um processo de consciência de si e com três anos passa a referir se a si por meio de pronomes em primeira pessoa, assim como a fazer uso de pronomes possessivos, que demonstra o reconhecimento de si, o que demonstra o aprimoramento da linguagem. . Tal reconhecimento à leva a uma crise de oposições, etapa esta que Wallon chamou de fase de recusa e reivindicação, interpretada por ele como “(...) uma forma de fortalecer e consolidar uma identidade recém-descoberta (...)” (apud HIDALGO E PALACIOS, 2002, p.183).

1.3 Eulália Basseadas

Basseadas (1999) afirma que o conhecimento obtido do nascimento até os dois anos se dá através das interações internas e externas por meio da percepção, pois o indivíduo já nasce com algumas capacidades (visão, audição, tato, gustação e olfato). Essa interação ocorre por meio da ação que o indivíduo tem sobre os objetos através da exploração (BOCK, 2002).

O interesse dos meninos e das meninas por explorar objetos, por tocar aqueles que vêem, ou por provocar o ruído que faz determinado objeto é um instrumento constante de conhecimento e de compreensão do mundo que a cerca. (BASSEADAS, 1999, p. 33)

Por volta de um ano a criança é capaz de caminhar autonomamente, ampliando a exploração do meio e possibilitando o reconhecimento do domínio e dos limites do próprio corpo. Outra interação fundamental nessa fase segundo a autora, é a que acontece entre a criança e outras pessoas; o comportamento adulto serve como modelo para a criança, e é através deste contato que ela conduzirá suas ações; assim como proporciona à criança o contato com situações de comunicação, que posteriormente resultará na aquisição da linguagem verbal; como também possibilitará à criança o contato com situações de aprendizagem pelo contexto, em que o encadeamento de ruídos, palavras ou sinais induzirão a uma antecipação daquilo que está para ocorrer. São essas capacidades que favorecem o aprimoramento da função simbólica através da qual a criança é capaz de fazer relações de um objeto que não está presente através da representação, e de

estabelecer relações possibilitando uma atitude intencional na aplicação de certas ações. O contato com a palavra nessa fase será um fator que proporcionará à criança amplo desenvolvimento. Basseadas afirma isso dizendo:

O acesso às palavras significa conseguir iniciar o domínio do sistema de representação mais potente que o ser humano tem e que lhe será útil para ter acesso a um conhecimento maior do mundo das pessoas adultas. (1999, p.39)

Mediante essas conquistas, aproximadamente entre os 18 meses, se desenvolve as capacidades cognitivas, de pensamento e de raciocínio dessa criança, mesmo não possuindo um amplo vocabulário. Entre os 18 e 24 meses a criança conquista um grande avanço com relação à linguagem e o seu repertório de palavras é maior, as crianças fazem uso dos primeiros verbos, pronomes e preposições.

Por meio da função simbólica a criança obtém um grande avanço na aquisição da linguagem assim como na capacidade de representação; o seu meio de comunicação preferido é a linguagem verbal, que passa a acompanhar todas as suas ações, através da qual ela interage com os objetos, assim como com as pessoas. Essa capacidade vai se aprimorando tanto como meio de comunicação como instrumento de pensamento.

O uso da linguagem é também fundamental para aprimorar o conhecimento da criança quanto ao seu próprio corpo, podendo nomear as suas partes, essa importância se dá por ser exatamente a partir dos dois anos que se inicia o processo de construção do esquema corporal “entendido como a representação que temos do nosso corpo, dos seus segmentos, e de suas próprias possibilidades e limitações de movimento e ação” (BASSEADAS, 1999, p. 33).

Aos dois e três anos a criança adquire certo automatismo quanto aos movimentos por estar se aprimorando as capacidades de equilíbrio, coordenação e flexibilidade. Nesse período se inicia a construção de idéias sobre o tempo e o espaço, conhecimento este que assim como o de construção do esquema corporal, continuará em processo de desenvolvimento por toda a vida, e também traz como elemento fundamental de representação a linguagem.

Basseadas (1999), destaca que o contato da criança com pessoas adultas contribui de forma efetiva para o desenvolvimento de todas as suas capacidades, ou seja, os vínculos afetivos que se dão com essa interação é o suporte que dá segurança à criança de um ano a explorar o ambiente e a relacionar-se com outras pessoas que não conhece. Assim como contribui também para a construção de sua identidade pessoal que vem sendo desenvolvida durante todo o processo, desde o seu nascimento e por toda a vida.

Entre o primeiro e o segundo ano de vida a criança é um ser praticamente dependente de outra pessoa e é aos dois anos que se inicia um processo de descobrimento de sua autonomia, possui capacidades físicas e psíquicas para o controle dos esfínteres e pode ser independente nos momentos das refeições. As crianças com essa faixa etária conhecem muitas coisas sobre elas mesmas, assim como sobre a relação com as outras pessoas, percebem que existem coisas que podem ou não serem feitas e tendem a defender suas opiniões. Inicia-se aí um processo de relações referente a um sentimento de amizade em que as crianças da mesma idade podem ser vistas como companheiras em primeiro momento e posteriormente como rivais na disputa de objetos.

Assim como Wallon e Piaget, Basseadas pensa que a criança entra em um período de oposição como forma de fortalecimento de sua personalidade, assim como de sua autonomia.

Em geral, essa etapa de desenvolvimento pessoal é mais conflitiva que a anterior, pois surgem conflitos de diferentes tipos (rivalidade, perda de certos privilégios, ajuste a determinadas normas, necessidade de dividir, etc.), sendo necessária sua resolução para seguir o processo de desenvolvimento pessoal. (BASSEADAS, 1999 ,p.,45)

Todas essas interações levam a criança a interiorizar sua imagem e levantar conhecimentos do próprio “eu”, já a sua auto-estima se desenvolve através dos conceitos trazidos pelas pessoas com quem mantém relações afetivas no seu cotidiano.

As concepções dos autores evidenciam a organização psicológica da criança desde seus primeiros anos de vida, estando em desenvolvimento os aspectos cognitivos, físicos e afetivos que se desenvolvem por intermédio de sua interação com o meio físico e social. Retratam também que tais interações

favorecem o desenvolvimento de capacidades que estão em evidência nestas faixas-etárias, sabendo ser o contato com histórias a abertura para uma fonte de prazer e de conhecimentos faz-se importante reconhecer os requisitos desta arte a fim de aplicá-la mediante as especificidades desta criança.

Capítulo II

A arte de ler e contar histórias.

2.1 A história como arte e suas peculiaridades quanto ao público de um a três anos.

Ler e contar histórias podem ser consideradas “arte”, pois a arte se classificada por alguns critérios como ser criação humana, expressar sentimentos e emoções, e produzir conhecimentos.

Arte é criação humana, é conhecimento elaborado cientificamente e historicamente, portanto é trabalho, é estética e expressão indissociável. É o diálogo permanente entre o ser humano e o mundo, através de linguagens visuais, sonoras corporais, concretas, em que um interage com o outro transformando-se constantemente. (BELLO, 2004, p.4)

O contato com histórias é isso, é mergulhar em um mundo de fantasias e se apropriar delas transformando a realidade; é rir, é sentir medo, é adquirir conhecimentos direta ou indiretamente, enfim, é abrir as portas para a compreensão do mundo, que se dá pela interação entre leitor, conto e ouvinte.

Segundo Coelho (2008), “descobrir isso e praticá-lo é uma forma de incorporar arte a vida.” Autoras como Rizzo (1982) e Abramovich (1995) também dizem que a prática de ler e contar histórias é sem dúvida uma arte. Assim como asseguram alguns requisitos para que isso se concretize. Tais requisitos são denominados por Rizzo (1982, p.206) como “técnica”, “que só será válida se empregada com arte” porém as especificidades e peculiaridades do ouvinte devem ser o fio condutor do mediador quanto à história, exercendo ele o papel de leitor ou contador.

A escolha da história é o primeiro requisito, devendo se levar em conta a riqueza do assunto, da criatividade, assim como se corresponde ao gosto do público e do narrador, aliás, se trata de arte. “A história é o mesmo que um quadro artístico ou uma bonita peça musical: não poderemos descrevê-los ou executá-los bem se não os apreciarmos.” (COELHO, 2008, p. 14).

Cabe também ao narrador conhecer as histórias para não se constranger mediante algo não esperado, assim como para estar familiarizado com o texto.

Quem se propõe a contar, e a estuda tendo em vista as características dos elementos que a compõem, adquire maior confiança, Familiariza-se com os personagens, vivencia emoções que poderá transmitir, fazendo as adaptações convenientes e trabalhando cada elemento com a devida técnica. (COELHO, 2008 p.26)

Será ele que conduzirá toda a sua problemática e transmitirá os sentimentos trazidos por ela sendo lida ou contada, através da entonação e pausas, se incorporando da fala do texto e dos personagens caracterizando-os, a fim de envolver os ouvintes e encantá-los.

Contar histórias é uma arte.. é tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido do que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro... Ela é uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH,1991, p.18)

Conhecendo a história, além de transmitir as características dos personagens e do próprio texto, pode se identificar os elementos que constituem a sua estrutura, que segundo Coelho (2008) são denominados introdução, enredo, clímax e desfecho.

Na introdução cabe a apresentação de forma rápida de tudo aquilo que se vai escutar, contendo quando, onde e com quem acontece. Deve instigar a curiosidade do ouvinte a ponto de mantê-la no decorrer de toda a história, onde se faz bastante uso do conhecido “Era uma vez”.

O enredo corresponde aos acontecimentos que decorrem na história, os conflitos e a ação dos personagens, tais acontecimentos devem ser transmitidos de forma ordenada e buscando expressar, através do tom e das pausas, todas as características do momento e das ações, para aguçar a curiosidade quanto ao que vai acontecer (clímax).

Uma boa história bem lida ou bem contada com certeza atrairá atenção de qualquer público indiferente de idade, entretanto falando de um público infantil Coelho chama a atenção dizendo que “a história é um alimento para a imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral” (2008, p. 14)

Sabendo que as peculiaridades do ouvinte deve ser o fio condutor quanto à escolha e a apresentação da história, alguns autores trazem contribuições a esse

respeito sobre diversas faixas etárias, porém este trabalho se aterá a faixa etária em estudo, ou seja, de crianças de um a três anos.

Na fase de um a dois anos, conforme indica os autores no capítulo anterior, o movimento é o meio pelo qual a criança explora o mundo que a cerca e que o mesmo pode ser considerado como forma de expressão. Assim também como consta no volume III do Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil o qual nos relata que o movimento não se restringe em mero deslocamento do corpo, podendo ser considerado como uma linguagem pela qual a criança interage sobre o meio, expressa sentimentos assim como interage desenvolvendo e descobrindo novas habilidades; deixa claro também que o momento de leitura para essa faixa etária não exige necessariamente que as crianças estejam organizadas em um devido lugar, como explica Cortez¹.

engatinhar ou andar pelos espaços no decorrer das leituras não significa necessariamente que não está interagindo com a situação, muito pelo contrário, às vezes, dependendo da parte da história, da entonação de voz ou mesmo da imagem atenta-se e fica imóvel onde está para compartilhar a leitura.(p. 4)

Gesell (1999), Coelho (2008) e Rizzo (1982) retratam que as histórias devem ser de enredo simples, que contenha ritmo e repetição, e que para crianças de dois anos devem estar voltadas para a vida real, com imagens de objetos familiares que estejam bem próximas ao cotidiano da criança, para que ela possa interagir com a história, vivenciando o enredo, entretanto, a partir dos três anos despertam maior interesse pelas histórias de bichinhos humanizados.

As ilustrações são fundamentais nos livros destinados à primeira infância, por isso deve conter figuras grandes, pois a criança ainda não é capaz de se ater a detalhes. A figura em relevo também lhe desperta bastante a atenção.

Gostam de ouvir a repetição da mesma história, por meio da qual, por volta dos dois anos, participam fazendo antecipações, completando algumas palavras e/ou frases, Coelho destaca que mediante o contato com a mesma história as crianças

¹ Não contém ano de publicação porém está disponível no site:
<http://www.formarerede.org.br/v/biblioteca/Microsoft%20Word%20-20Leitura%20para%20bebes.pdf>,
acesso em 07 de Setembro de 2009 às 19h31min.

“apreciam melhor a trama, podendo antecipar as emoções e torná-las mais ricas, mais duradouras. Sem dúvida, um renovado prazer.” (2008, p. 55).

Quanto à durabilidade de tempo, Rizzo (1982) traz que a criança pequena possui pouca capacidade de atenção quanto a uma atividade dirigida pelo adulto, especificamente auditiva. Com isso essa autora, assim como Coelho, enfatiza que o momento da história para crianças dessa faixa etária deve se ater entre cinco e dez minutos, porém cabe ao contador, conhecedor das partes principais da história, mediante o conhecimento didático de sua estrutura, saber direcioná-la conforme o interesse das crianças.

Mediante as abordagens trazidas pelos autores no capítulo anterior sobre as especificidades da criança de um a três anos, pode-se afirmar que ela está em processo acelerado de desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, físicas e afetivas; capacidades essas que lhes propiciam maior interação com o meio na qual esta inserida (objetos, pessoas, situações).

Por meio dessas interações a criança vai ampliando as relações sociais e elaborando estruturas da inteligência para melhor compreender a realidade que a cerca. Sabendo que esse processo está inerente às influências externas podemos destacar o que traz Silva e Carbello ²,

A criança não necessita apenas de cuidados que a pouca idade exige, necessita sim de um atendimento pedagógico para o seu desenvolvimento, com ênfase na socialização e na recriação de experiências. (p.3)

Sendo assim, podemos destacar as contribuições que o contato com as histórias pode trazer mediante essas especificidades, sendo esta, uma prática privilegiada na transmissão de conhecimentos mesmo que de forma indireta, pois Coelho nos relata que:

Há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem(...) A história quieta, serena, prende a atenção, socializa, educa. Quanto menor a preocupação em alcançar tais objetivos explicitamente, maior será a influência do contador de histórias. (2008, p. 12)

² Não contém ano de publicação, porém está disponível no site:
http://www.alb.com.br/anais16/sem13pdf/sm13ss06_04.pdf, acesso em 28 de agosto de 2009, 19:25.

Abramovich também nos coloca que o contar histórias por si só é o mesmo que abrir as portas para a compreensão do mundo não necessitando ser transmitida com fins didáticos.

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula...".(ABRAMOVICH, 1995, p. 17).

A preocupação do narrador deve ser quanto à escolha da história, quanto a sua estrutura, assim como discorremos no tópico anterior, pois mediante estas peculiaridades que o ouvinte se envolverá na magia, trazida por ela.

O contato com as histórias passa a ser direcionado a partir do momento que o educador reconhece o valor dessa prática como meio de interação, convém lembrar como assinala Oliveira (2002, p.29) que o desenvolvimento de novas capacidades psicológicas se dá por intermédio da “vivência no meio humano, na atividade instrumental na (e pela) interação com os outros indivíduos.” Assis (1993), ao falar do desenvolvimento, segundo concepções de Piaget, também concorda que as interações entre sujeito, meio físico e social são as responsáveis pela construção do conhecimento, por meio das quais a criança organiza suas experiências, observa e explora assim como proporciona um relacionamento de cooperação entre elas e entre estas e os adultos.

Sendo assim, proporcionar momentos como o de leitura e de conto de histórias de forma estruturada contribuirá efetivamente para o desenvolvimento desta criança.

Nos momentos de contato com as histórias a interação se dá por intermédio das relações entre capacidade de contar e a capacidade de ouvir, que vem marcada pelo contato estabelecido entre um indivíduo e outro proporcionando relacionamentos de troca entre quem conta e quem ouve, que para Rizzoli (2005, p.7) diferente dos outros autores, é o que mais importa nos momentos de contato com a história “Quer se trate de histórias engraçadas, divertidas; leves, insensatas, poéticas ou intensas,o importante é o sentimento de pertencer, de estar junto.”

Nesse aspecto, as histórias propiciam interação entre narrador, conto, ouvintes e portador textual, tal interação traz contribuições diversas, pois a história instiga o imaginário, constrói idéias, estimula emoções, transporta para lugares e mundos diferentes, desenvolve a capacidade de ouvir, transmite valores, desperta a curiosidade, apresenta o mundo da fantasia e da escrita.

Todos esses requisitos se dão por sabermos que o contato das crianças com as histórias desde muito cedo pode contribuir para fatores de seu desenvolvimento, assim como vimos na teoria de Piaget, por exemplo, que as capacidades cognitivas estão em aprimoramento desde o período “sensório-motor”, já que é no decorrer deste período que se desenvolve o pensamento simbólico e entre um ano e meio e os dois anos surgem as capacidades de representação. Sendo assim o contato com momentos de leitura e conto de histórias contribuem para o desenvolvimento de algumas capacidades que estão em evidência nestas faixas etárias e também em faixas etárias posteriores. Referente a isso, Louis Paswels (apud Abramovich, 1995, p.24) coloca que :

Quando uma criança escuta, a história que se lhe conta penetra nela simplesmente, como história. Mas existe uma orelha detrás da orelha que conserva a significação do conto e o revela muito mais tarde.

Podemos dar como exemplo a ampliação do vocabulário, em que tendo contato com palavras novas serão interiorizadas e que farão parte do vocabulário da criança em outros momentos, ou até mesmo quanto a observação das gravuras que segundo Coelho (2008) auxiliam na organização do pensamento onde mais tarde a criança poderá fazer relações entre idéia central, fatos principais e fatos secundários.

As contribuições trazidas por essa arte podem variar de acordo com a maneira que ela é apresentada, contada ou lida.

2.2 A diferença entre ler e contar. É possível ler histórias para crianças de 1 a 3 anos?

Sendo a história fonte de satisfação e prazer e ao mesmo tempo abertura para muitas aprendizagens, assim como assegura Abramovich (1995, p.18) “escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”. Lida ou contada a essência da história está na postura daquele que a apresenta, pois a eficácia de ambas as estratégias exigem de o mediador conhecer as estruturas que esta arte requer. O domínio do texto, apresentado de forma lida ou narrada, proporciona a ele maior liberdade para incorporar-se da história, despertando a curiosidade e conquistando a atenção do público.

Uma das atividades mais fundantes, mais significativas, mais abrangentes e suscitadoras dentre tantas outras é a que decorre de ouvir uma boa história, quando bem contada. (ABRAMOVICH, 1995, p.24).

Ler e contar são estratégias bem diferentes, uma das principais diferenças é quanto ao vocabulário que ambas apresentam. Mediante aos conceitos pontuados por autores como Andrade e Henriques (2004), Andrade e Medeiros (2006) e Terra (1997) podemos destacar que vocabulário da língua falada, usado nos momentos de conto de histórias é adequado a coloquialidade, tendo uma dimensão reduzida por se fazer uso das palavras que são ouvidas no cotidiano, e pelo auxílio de recursos extralingüísticos e contextuais, diferentemente do vocabulário da escrita que é usado nos momentos da leitura da história, sendo variado por consistir em uso de palavras coloquiais como também de palavras pouco conhecidas, ou conhecidas mas não utilizadas em momentos de fala, que corresponde ao vocabulário da leitura.

Quanto a isso, Silva (2002) retrata que “quando uma criança ouve a leitura de uma história ela introjeta funções sintáticas da língua, além de aumentar seu vocabulário e seu campo semântico.”

Sabendo que entre um e dois anos o desenvolvimento da fala e da linguagem estão em evidência, o contato com essas duas estratégias são importantes, porém, cabe lembrar que as especificidades das crianças devem ser levadas em conta. Quanto a isso, Rizzo (1982) destaca que “a linguagem deve ser clara, compreensível à criança pequena, utilizando-se vocabulário e estruturas lingüísticas (modo de falar) do público a que se destina.”

Gesell (1999) retrata que para a criança de um ano muitas vezes é necessário fazer uso de gestos como reforço para a linguagem usada, que se deve fazer pouco uso da mesma e que as palavras dirigidas a elas sejam simples. Com isso, poderíamos concluir que a leitura de histórias para essa idade seria desnecessária, porém Fraulein Vidigal de Paula, doutora em Psicologia Escolar, afirma em entrevista à revista Nova Escola, edição especial de abril de 2008, que por mais que os bebês não sejam capazes de entender todo o enredo de uma história, a leitura em voz alta coloca-os em contato com dimensões das linguagens oral e escrita. Assim como o volume III do Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil destaca, que para as crianças de zero a três anos são prioritárias as experiências com utilização da linguagem oral para se expressar, como também o contato com materiais escritos, sendo necessária a elaboração de momentos nas quais elas “possam conversar e interagir verbalmente, ouvir histórias contadas e lidas pelo professor” (1998, p. 157)

Quanto a criança de dois anos, Gesell (1999) afirma que está em um período de ampliação de repertório pois “é geralmente o ano em que as palavras florescem”, já as de três anos têm maior facilidade de escuta e de compreensão das palavras, tem prazer em conhecer palavras novas e brinca com sua fonética, e o mais importante “aprendeu já a ouvir os adultos e ouve-os para aprender com eles” (1999, p. 178).

Sendo assim, o contato com a leitura de histórias pode trazer contribuições para o desenvolvimento da linguagem oral assim como para o aumento do vocabulário da criança. Held (1980, 205, apud Cortez) concorda dizendo que mediante o contato constante com textos adultos a criança enriquece seu vocabulário, pois esse contato possibilita “a impregnação constante de palavras que passarão pouco a pouco, mas mais tarde, de seu vocabulário passivo para seu vocabulário ativo.”

Britto (2005) retrata que no momento de contato com a leitura por intermédio de um agente promotor, a criança está “lendo com os ouvidos”, o que na educação infantil é mais fundamental do que ler com os olhos, e destacam que:

Ao ler com os ouvidos, a criança não apenas se experimenta na interação, na interlocução, no discurso escrito organizado, com suas modelações

prosódicas próprias, como também aprende a voz escrita, aprende a sintaxe escrita e aprende as palavras escritas. (BRITTO, 2005, p. 19).

Assim, ao ler para as crianças, o professor apresenta a função social da escrita assim como transmite conhecimentos a cerca de um comportamento leitor. Silva³ (2002) afirma isso dizendo que ao promover o encontro entre a criança e o momento de leitura de histórias demonstra a ela um modelo de leitor assim como desperta nela o prazer de ler e o sentido do livro. Em relação a isso, o volume III do Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil pontua que:

Nas sociedades letradas, as crianças, desde os primeiros meses, estão em permanente contato com a linguagem escrita. É por meio desse contato diversificado em seu ambiente social que as crianças descobrem o aspecto funcional da comunicação escrita, desenvolvendo interesse e curiosidade por essa linguagem. (1998, p. 127)

Mediante o contato constante com o livro, além de estimular os órgãos do sentido por meio do contato com diferentes materiais, a criança vai se familiarizando com o mesmo, a ponto de emitir a ele o valor de um brinquedo, essa familiaridade é importante por dar a ela a oportunidade de recorrer ao livro para ter contato com uma história ouvida quando quiser, reconhecendo-o como portador da história, assim como para desenvolver o gosto pela leitura tendo prazer em explorá-lo.

É importante lembrar que mesmo ao ler uma história diretamente do portador se faz necessário que aquele que lê tenha conhecimento do texto podendo usufruir de entonações e pausas, dando vida a história. Para Coelho (2008), o livro pode ser usado também apenas para a apresentação das gravuras (simples narrativa com o livro), quando as mesmas forem indispensáveis por completar o texto. Segundo o autor, “essa apresentação além de incentivar o gosto pela leitura (mesmo no caso dos ainda não alfabetizados), contribui para desenvolver a seqüência lógica do pensamento infantil” (2008, p.33). Sendo assim, o contar histórias também pode ser um momento que proporciona o contato da criança com o livro, porém sem fazer uso da linguagem trazida por ele:

Narrar com o livro não é, propriamente, ler a história. O narrador a conhece, já a estudou e a vai contando com suas próprias palavras, sem titubeios,

³ Disponível no site: <http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=64>

vacilações ou consultas ao texto, o que prejudicaria a integridade da narrativa. (COELHO, 2008, p. 33)

Já sem o livro, a Coelho (2008) destaca que no momento do conto de histórias, sendo o enredo vivenciado pelo contador, se estabelece uma sintonia entre o contador e o público ouvinte, e que cabe ao contador fazê-lo com naturalidade, sem artificialismo.

Mediante o estudo sobre o desenvolvimento da criança de 1 a 3 anos, exposto no capítulo anterior, a criança está passando por um processo de desenvolvimento de suas capacidades de representação que consiste no aprimoramento da imitação a qual, em primeiro momento, só acontece a partir de um modelo, com isso podemos afirmar que o papel do adulto como leitor ou como encarregado de transmitir a história através da voz e da expressão corporal, são estratégias de estímulos para o desenvolvimento de tais capacidades.

O contato com as histórias pode ser meio de estímulo a imitação e a representação assim como, o que destaca Bock (2008), Assis (1993) e Lima (2008) referente ao desenvolvimento segundo Piaget, ao jogo-simbólico, por meio do qual a criança transforma o real em função dos seus desejos já que necessita adaptar-se ao mundo social e físico. Quanto a isso, Assis (1993) destaca que é por intermédio do jogo-simbólico que a criança busca manter seu equilíbrio afetivo e intelectual, e que no brincar de faz-de-conta ela se coloca em situações em que não existem constrangimentos, limitações e por meio da qual seus conflitos são superados. Quanto a isso, Coelho (2008) retrata que estando o enredo voltado para a realidade da criança, ela é capaz de vivenciá-lo a ponto de assumir o papel dos personagens, transportando-se para o lugar em que os episódios ocorrem. Rizzo (1982, p.202) concorda dizendo que “a história recreia canalizando a imaginação infantil, transportando a criança para outros mundos imaginários, levando-a a assumir outras vidas no mundo do faz-de-conta.”

Entretanto, ler e contar são estratégias diferenciadas, porém, ambas sendo aplicadas mediante as técnicas que esta arte requer para ser considerada como a mesma, consiste em proporcionar momentos de aprendizagem que contribuirão efetivamente para o desenvolvimento das habilidades que estão em evidência na faixa-etária de um a três anos.

CAPITULO III

Metodologia

3.1 Apresentação da metodologia e das técnicas utilizadas.

Esta pesquisa foi realizada por meio da aplicação do Projeto de Proposta Articulada, trabalho este desenvolvido na disciplina Estágio Curricular no 5º semestre (primeiro semestre do ano de 2009), como parte integrante para a conclusão do curso de Pedagogia, e que foi aplicada em uma instituição particular de ensino do Município de Campo Limpo Paulista no período 01 a 30 de junho de 2009. No entanto, não se restringiu a estas datas, pois continuei atuando na instituição como estagiária, oportunidade esta que proporcionou a ampliação de minha visão mediante os objetivos e resultados desta pesquisa.

As técnicas utilizadas para a coleta de dados se basearam em classificações trazidas por Marconi e Lakatos (2007). Sendo assim, esta pesquisa é de cunho “descritiva” e foi desenvolvida por meio de “observação sistemática” do trabalho docente, tendo por finalidade conhecer com que frequência a leitura e o conto de histórias fazem parte da rotina, quais os recursos utilizados, qual a postura do professor como mediador desta prática e se esse trabalho vem de encontro com as especificidades da criança na faixa-etária entre um e três anos. A “observação sistemática” das crianças, ocorreu com a finalidade de conhecer seu comportamento enquanto ouvinte e enquanto leitor, quais conhecimentos tinham sobre a leitura e o conto de histórias, se tentavam ler ou contar histórias a partir do que ouviam, o que despertava mais a atenção, o contar ou o ler histórias, e se participavam desse momento. A observação sistemática se deu também mediante aplicação de questionário por meio de “perguntas abertas” para conhecer qual a concepção dos docentes sobre a importância dessa prática; por entrevista dirigida com Bernadete Pacheco, Psicóloga Clínica e Contadora de histórias e por meio da aplicação do projeto Hora da história por intermédio de “observação participativa”.

3.2 O trabalho com a leitura e o conto de histórias na escola: algumas considerações.

Assim como vimos no capítulo II, o contato com a leitura ou conto de histórias é um momento que proporciona interações, podendo ser considerado uma oportunidade significativa para o desenvolvimento amplo da infância por levar a criança ao contato com o outro, com o livro, com palavras e linguagens diversificadas e com a fantasia. Enfim, como nos diz Abramovich (1999, p.17) as histórias são uma forma de “abrir as portas da compreensão do mundo”.

No período da aplicação da pesquisa, as crianças com idade de um a três anos pertenciam a uma mesma turma, porém dividida em dois grupos, denominados por minimaternal e maternal, tendo as crianças do primeiro grupo de um a dois anos de idade e as do segundo grupo de três anos a quatro anos.

Na grade de atividades da instituição, a hora do conto e/ou leitura de histórias se encontram como rotina diária, sendo aplicadas em dois momentos por meio do sistema apostilado adotado. Utilizam uma história tradicional, por ser de domínio público podendo ser contada por professores e familiares que podem adaptá-las e mudá-las explorando os finais para introduzir mensagens e valores que julguem importantes⁴, mediante as quais são desenvolvidas as atividades da apostila que é trabalhada dentro de um período de aproximadamente três meses dentro dos quais a mesma história é apresentada contada, ou por meio de recursos paradidáticos como livro, DVD e Multimídia; o segundo momento acontece todos os dias no final do período e consiste na apresentação de histórias variadas por meio de livros pertencentes a biblioteca e que ficam na sala propriamente para isso, assim como por meio dos livros que as crianças levam para casa no intuito de lerem juntamente com a família e quando retornam são compartilhados com a turma, atividade esta recomendada pelo Referencial Curricular de Educação Infantil (1998 p.153) como “atividade permanente” denominada por “roda de leitores”.

Nos momentos de leitura as mesas são agrupadas, as crianças sentam-se em volta juntamente com a professora, e o livro é disposto sobre o centro das mesas para que todos possam acompanhar este momento. Já no conto as mesas ficam

⁴ Informação tirada do Manual do Professor, Caderno 3 - Minimaternal, do Sistema Anglo de Ensino.

espalhadas pela sala e a educadora circula entre elas, há grande cuidado quanto à entonação e a interpretação das reações dos personagens, imitando vozes, ruídos e expressões; a educadora faz pausas aguçando a participação dos ouvintes. Após ouvirem as histórias podem manusear o livro, recontá-la ou contar suas próprias histórias.

Quanto à metodologia trazida pela apostila, para o minimaternal, as atividades envolvem bastante o uso de objetos, no caso da história “Os três porquinhos” foram aplicadas atividades como a colagem do material pelo qual as respectivas casas foram feitas, as crianças saíram da sala para colher alguns desses materiais, no caso, palha (folhas seca de coqueiro), madeira (palito de sorvete) e pedras para a casa de tijolos. Através dessa história foi trabalhado, as partes que compõem uma casa, o desenvolvimento motor mediante a imitação dos porquinhos e do lobo, a leitura de imagem, comparação, classificação de objetos e as características de alguns animais.

Já para o maternal, a leitura de imagem, o diálogo sobre a cena, a criação de histórias mediante as figuras apresentadas são atividades propostas. No caso, foi trabalhada a história “O Peixinho Dourado” e através da mesma as crianças puderam compartilhar suas experiências e passeios à praia, tiveram contato com um poema com objetivo de brincar com o som das palavras fazendo rimas e terem contato com outro gênero textual assim como também conheceram diversas espécies que habitam no mar trazidos por ele; além de trabalhar esses conteúdos, no momento da história são levados a observar o livro, capa, ilustrações, se têm poucas ou muitas palavras; fazerem antecipação do conteúdo através do título e identificação de palavras que compõem o mesmo. Para essa faixa etária já são trabalhadas a grafia e o som das letras, no caso, a primeira letra do nome dos personagens e dos animais que fazem parte da história. A representação também é uma metodologia explorada nessa faixa etária, onde as crianças são convidadas a representarem a história que acabaram de ouvir.

Mediante tais observações com relação às atividades propostas, em desenvolvimento deste mesmo tópico, há quatro meses atrás estive relatando que este trabalho vinha de encontro com as especificidades da criança tendo como fundamento saber que a criança adquire um comportamento ativo no meio em que

vive, e isso se dá por meio de interação, por exemplo, com os objetos. Pensando nas atividades relatadas acima, a criança tem contato com vários objetos onde comparam, classificam e podem perceber as características dos mesmos; citei o que nos traz Basseadas (1999) que a exploração de objetos é uma forma pela qual se inicia o processo de conhecimento da criança, onde ela age sobre ele, explora e faz levantamento de suas características. Estariam erradas essas colocações?

Não, desde que me referi-se às atividades fora do contexto da história, pois hoje, mediante os conhecimentos adquiridos por meio das pesquisas podemos concluir que antes de tudo, histórias são entretenimento, fonte de prazer, Abramovich (1995, p.17) ressalta que quando a história passa a ser usada como instrumento ou meio para determinado fim a ser atingido, ela deixa de ser literatura e prazer e passa a ser didática. O que a autora retrata ser “outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo)”.

Por meio do que vimos no capítulo II podemos destacar que a história sendo aplicada como arte, por si só é transmissora de conhecimentos, podendo contribuir para o desenvolvimento da criança de um a três anos de idade para o despertar do gosto pela leitura, para seu comportamento enquanto leitor, para o desenvolvimento da linguagem oral e a construção dos elos entre o real e o imaginário.

Portanto, podemos afirmar que o objeto a ser explorado é o livro pelo qual a criança despertará curiosidade desde que lhe seja bem apresentado e seu contato com o mesmo seja freqüente; assim como também, por meio das diferentes formas pela qual a história pode ser apresentada podendo fazer uso de objetos para representá-la.

Quanto às estratégias utilizadas nos momentos de leitura e conto de histórias, a repetição de uma mesma história para Coelho(2008) é uma forma de tornar as emoções mais duradouras, este deve ser o motivo pelo qual muitas vezes ouvimos o “conte outra vez”.

Outro aspecto que vale ressaltar é com relação à linguagem, pois segundo Bock (2002), mediante as teorias de Piaget, pontua que a linguagem acarreta modificações nos aspectos intelectuais, afetivos e sociais da criança . Ao solicitar que as crianças recontem a história oralmente, façam antecipação do que se trata ou do que vai acontecer, possibilita o aprimoramento da linguagem que, no período pré-operatório, é uma das principais habilidades em construção (Bock, 2002). O volume III do Referencial Curricular de Educação Infantil nos traz referências a esta prática pontuando que:

Considerando-se que o contato com o maior número possível de situações comunicativas e expressivas resulta no desenvolvimento das capacidades lingüísticas das crianças, uma das tarefas da educação infantil é ampliar, integrar e ser continente da fala das crianças em contextos comunicativos para que ela se torne competente como falante. Isso significa que o professor deve ampliar as condições da criança de manter-se no próprio texto falado. Para tanto, deve escutar a fala da criança, deixando-se envolver por ela, resignificando-a e resgatando-a sempre que necessário. (RCNEI, 1998, p. 135).

Ao proporcionar a criança sua participação na hora da história ou solicitar que a mesma conte uma história, o professor demonstra confiar em sua capacidade, contribuindo para o desenvolvimento da autoconfiança e da auto-estima, momento este denominado por Bassedas (1999) como estimulador para o desenvolvimento.

3.3 A concepção dos educadores:

A coleta destes dados se deu por meio da aplicação de questionário aberto a três professoras que trabalham com crianças da faixa etária de um a três anos e, para cinco professoras que trabalham com séries posteriores pertencentes a instituição onde o pesquisa foi aplicada assim como de outras instituições.

As perguntas direcionadas ao primeiro público citado foram:

- a) Qual a importância de ler e contar história para crianças com um, dois e três anos?
- b) Mediante sua experiência, compartilhe alguns resultados observados.
- c) Contar ou ler história. O que contribui mais para a aprendizagem das crianças?
- d) Como você faz a seleção das histórias para essa demanda?
- e) Como você se vê enquanto leitor? O que costuma ler?

Já ao segundo público consistiu em :

- a) Em sua opinião, qual a importância de ler e contar histórias para crianças de um, dois e três anos?
- b) Você consegue notar as contribuições dessa prática mediante os conhecimentos prévios trazidos por seus alunos?
- c) Em sua rotina, como é trabalhado a leitura e o conto de histórias?
- d) Como você se vê enquanto leitor? O que costuma ler?

Mediante as respostas obtidas, podemos perceber que a concepção do corpo docente quanto à importância da leitura e do conto de histórias vem de encontro com o que nos apresentam as teorias, mesmo que em nenhum momento se referiram a elas. Isto porque as professoras que trabalham com crianças na faixa-etária em estudo são conhecedoras de como deve ser esse momento e quais as contribuições que ele pode trazer, assim como as professoras das séries posteriores são capazes de identificar essas contribuições no comportamento leitor e nas produções dos alunos que tiveram contato com tal prática. Uma professora de terceiro ano - 2ª série - destaca que algumas crianças, em contato com determinadas histórias, lembram quando e quem contou a mesma história mesmo que isso tenha ocorrido na educação infantil, podendo reforçar o que pontua Coelho (2008, p. 12): “se elas as escutam desde pequeninas, provavelmente gostarão de livros, vindo a descobrir neles histórias como aquelas que lhes eram contadas.”

Outra consideração mediante os resultados expostos é que ambas reconhecem a eficácia desta prática para o despertar da imaginação, algo que é bem destacado por autores como Rizzo (1982), Abramovich (1995), Coelho (2008) e Coentro (2008).

3.4 A história sob outra visão profissional.

Em “entrevista dirigida” à Bernadete Pacheco, Psicóloga Clínica e Contadora de histórias⁵, pudemos concluir que a importância da prática de ler e contar histórias

⁵ Bernadete Pacheco, psicóloga, espec. em Psicologia Analítica (Jung) (PUC SP), Psicoterapia Corporal Reichiana (Sedes, SP), Psicologia da Saúde e Psico-Oncologia, Contadora de Histórias formada pela Associação Viva e Deixe Viver e pela Unicamp.

vai além das contribuições proporcionadas a criança, que se referindo a elas, além de destacar as contribuições que já foram explanadas no decorrer desta pesquisa diz também ser um meio pelo qual ela amadurecerá psicologicamente, assunto este que poderá ser tema explorado em momento posterior com o intuito de aprimorar e dar continuidade a essa pesquisa. Pacheco relata também sobre atributos trazidos também aos pais e educadores. Um exemplo é que essa prática pode auxiliar na construção de vínculos entre pais e filhos, na socialização, na transmissão de calor humano e na cumplicidade (lidar, por exemplo, com sentimentos, perdas, aventuras, identidade...), e para os educadores, é um meio de aprimorar seu comportamento leitor.

Quanto a escolha em contar ou ler para essa faixa etária, ela destaca que ambas as estratégias contribuem para a aprendizagem da criança. Assim como algumas educadoras que participaram dos questionários, a psicóloga concorda que a contação permite mais recursos expressivos e capta mais a atenção do ouvinte. Já quanto a leitura ou usar o livro como suporte para mostrar de onde se retirou a história, ela coloca que introduz o amor aos livros e à leitura, assim como já retratamos no capítulo anterior.

Assim como Coelho (2008) e Abramovich (1995), Pacheco alerta que a história como um recurso rico e valioso, não seja utilizado apenas como estratégia pedagógica “porque senão torna-se o prelúdio de tarefas e sem deixar o sabor do encantamento e do imaginário, do lúdico fazer o seu papel principal e absolutamente necessário para o desenvolvimento sadio infantil”.

3.5 Mais uma vez o “era uma vez”... (Projeto “Hora da história”)

Por intermédio de “observação participativa” este projeto consistiu em propiciar momentos de leitura e contação de histórias, reconhecendo a importância desta prática assim como, a fim de observar a participação e atenção das crianças nestes momentos.

Os recursos utilizados foram, leitura direta do livro com utilização das figuras; simples narrativa com auxílio de livro, para visualização das figuras; contação com fantoches, dedoches e contação com figuras avulsas.

Após a apresentação da história foram elaborados momentos por meio dos quais as crianças tiveram a oportunidade de recontarem a história ouvida, fazendo uso dos recursos utilizados para a apresentação da mesma assim como imitar e representar os personagens, as representações consistiram em representação corporal, verbal, desenhos e modelagem.

Podemos observar que criança de um ano, assim como afirmam os autores no capítulo I está em pleno desenvolvimento motor, e busca descobrir o espaço em que onde está inserida, com isso gosta de manusear os livros de forma aleatória, apontar os personagens, porém não se atém por muito tempo no mesmo lugar nos momentos de apresentação da história; já a criança de dois e três anos tende a dar atenção aos detalhes, através daquilo que ouviram tentam reproduzir da mesma forma.

As figuras são grande fonte de inspiração e auxiliam na seqüência de fatos, porém em alguns casos não é necessário que as informações estejam explícitas nas mesmas para que eles possam se lembrar de acontecimentos que foram falados no momento da apresentação da história. E quando já conhecem a história, ao recontarem dão ênfase a lingüística utilizada no texto, exemplo, na historia “O três porquinhos” são capazes de se ater a detalhes marcados pela leitura como, lobo “faminto” e lanche “saboroso”.

Ao contarem suas próprias historias sempre utilizam fantasias e realidade, que na maioria das vezes é voltada para a família, como exemplo “Ai apareceu um dinossauro enorme na cama da minha mãe e do meu pai” (produção de um garoto de 3 anos). Rizzo (1982) afirma que crianças entre 3 a 4 anos gostam de historias que envolvam fatos da vida real que reflitam as relações familiares.

São capazes de recordar nomes de personagens de histórias que foram apresentadas depois de um grande espaço de tempo, podendo retratar isso por ainda estar acompanhando essas crianças e ter contato com situações onde uma

criança ao ver uma joaninha (inseto) disse ser a “Filó” personagem de uma história da qual ele teve contato em três momentos distintos, tendo sido o último momento por volta de dois meses.

No entanto a arte de ler e contar histórias para essa demanda é um meio de apresentar a criança o mundo que está a sua volta e apontar de fazê-la se sentir participante, resultados esses que serão obtidos mediante os momentos de interação proporcionados por essa prática.

Conclusão

Proporcionar à criança de um a três anos o contato com momentos de leitura e do conto de histórias é inseri-la em um momento de aprazer assim como de interações por meio das qual a criança vai descobrindo novos comportamentos, atitudes e resultados ampliando assim seus conhecimentos. Quanto a isso, a problemática trazida para a realização desta pesquisa que consistia em conhecer como transformar a leitura e o conto de histórias em metodologia pedagógica, passa a ser refutável. Assim como afirma Coelho (2008, p. 12), “a história quieta, serena, prende a atenção, socializa, educa. Quanto menor a preocupação em alcançar tais objetivos explicitamente, maior será a influência do contador de histórias”.

Antes de qualquer resultado explicito a história por si só, é fonte de prazer e abertura para muitos conhecimentos, como bem destaca Abramovich:

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula...Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser didática (...).(1995, p. 17). ‘

Mediante as contribuições trazidas por autores como Bock (2002) retratando teorias de Piaget e Costa (2005) e também se referindo às concepções de Wallon e Basseadas (1999) sobre o desenvolvimento da criança, assim como Rizzo (1982), Abramovich (1995) e Coelho (2008) sobre a arte de ler e contar histórias, podemos concluir que ao proporcionar à criança o contato com a leitura e conto de histórias estamos inserindo-a em um momento de prazer e de aprendizagem, sem mesmo que ambas as estratégias sejam aplicadas como metodologia pedagógica.

Porém cabe ao educador reconhecer a importância desta prática, dependendo dele proporcionar as oportunidades de contato com ela, pontuando-a em sua rotina diária e buscar conhecer os requisitos para que a história seja apresentada com arte, sendo ele mediador da história. (COELHO, 2008)

Estando a pesquisa delimitada às contribuições trazidas por esta prática para a criança de um a três anos, podemos ressaltar que a história sendo aplicada como arte, por si só é transmissora de conhecimentos, podendo contribuir para o

desenvolvimento da criança de um a três anos de idade para despertar o gosto pela leitura, para seu comportamento enquanto leitor, para o desenvolvimento da linguagem oral e a construção dos elos entre o real e o imaginário.

O contato com a leitura ou conto de histórias é um momento que proporciona interações, podendo ser considerado uma oportunidade significativa para o desenvolvimento amplo da infância por levar a criança ao contato com o outro, com o livro, com palavras e linguagens diversificadas e com a fantasia. Enfim, como nos diz Abramovich (1999, p.17): as histórias são uma forma de “abrir as portas da compreensão do mundo”.

Referências Bibliográficas:

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil gostosuras e bobices*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1995.
- ANDRADE, M. M.; HENRIQUES, A. *Língua portuguesa: noções básicas para cursos superiores*. 7a. Ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- ANDRADE, M. M.; MEDEIROS, J. B. *Comunicação em Língua Portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de. *Uma nova metodologia de educação pré-escolar*. 7. ed. São Paulo: Pioneira, 1993.
- BASSEADAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel (org.). *Aprender e ensinar na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BELLO, Maristher Motta. *Arte: Ensino Fundamental e Médio*. Curitiba: Positivo, 2004.
- BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil: Conhecimento de mundo*. Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRITTO, Luiz Percival Leme; Letramento e Alfabetização: Implicações para a educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de. & MELLO, Suely Amaral (org). *O mundo da escrita no universo da pequena infância*. Campinas: Autores associados, 2005.
- COOL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesus. (org). *Desenvolvimento psicológico e educação*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- CORTEZ, Clélia. O bebe, seu desenvolvimento e a construção do gosto pela palavra. <http://www.formaremrede.org.br/v/biblioteca/Microsoft%20Word%20-20Leitura%20para%20bebes.pdf> Acesso em 07/09/09
- COSTA, Lúcia Helena F. Mendonça; Estágio Sensório-Motor e Projetivo. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga & ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. *Henri Wallon Psicologia e Educação*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 31-38.
- COELHO, Betty. *Contar histórias uma arte sem idade*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- COENTRO, Vivian, Silva (2008). *A arte de contar Histórias e letramento literário: possíveis caminhos*. Campinas. <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000433074> Acesso em 04/10/09.

DANTAS, Heloysa. Do Ato Motor ao Ato Mental: A Gênese da Inteligência Segundo Wallon. In: *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

GESELL, Arnold. *A criança dos 0 aos 5 anos*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HILDALGO, Victória; Palácios, Jesus. Desenvolvimento da personalidade entre os dois e sete anos. In: COOL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesus. (org). *Desenvolvimento psicológico e educação*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; Dantas, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

LIMA, Sandra Vaz (2008) O jogo no processo de ensino e aprendizagem. <http://www.artigonal.com/educacao-artigos/o-jogo-no-processo-de-ensino-e-aprendizagem-340331.html>.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia Científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de (org.). *Educação Infantil: Muitos olhares*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

RIZZOLI, Maria Cristina; Leitura com letras e sem letras na Educação Infantil da norte da Itália. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de. & Mello, Suely Amaral (org). *Linguagens Infantis: outras formas de leitura*. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 05-22.

PIAGET, Jean; INHELDER, Barbel. *A Psicologia da criança*. 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

PRIOLLI, Julia. Fraudas e livros. *Nova Escola*. São Paulo. Abril, ed.especial n. 18, p.10 – 18, jul. 2008.

RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner Rocha; DAVIS, Claudia. *Psicologia do desenvolvimento*. São Paulo: EPU, 1981.

RIZZO, Gilda. *Educação pré-escolar*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

SILVA, Claudia M.C (2002). A importância de contar histórias para as crianças. <http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=64>

SILVA, Otávia Fulgêncio da; CARBELLO, Sandra R. Cassol. Estimulação pedagógica: em busca de caminhos para incentivo a literatura desde a primeira infância. http://www.alb.com.br/anais16/sem13pdf/sm13ss06_04.pdf. Acesso em 28/08/09

TERRA, Ernani. *Linguagem, língua e fala*. São Paulo: Scipione, 1997.